

Organização

JOÃO MARCOS COELHO

GILBERTO MENDES

VLADIMIR SAFATLE

LEONARDO MARTINELLI

IRINEU FRANCO PERPÉTUO

LUCIANA NODA

JOANA HOLANDA

YARA CAZNOK

RICARDO BALLESTERO

LUTERO RODRIGUES

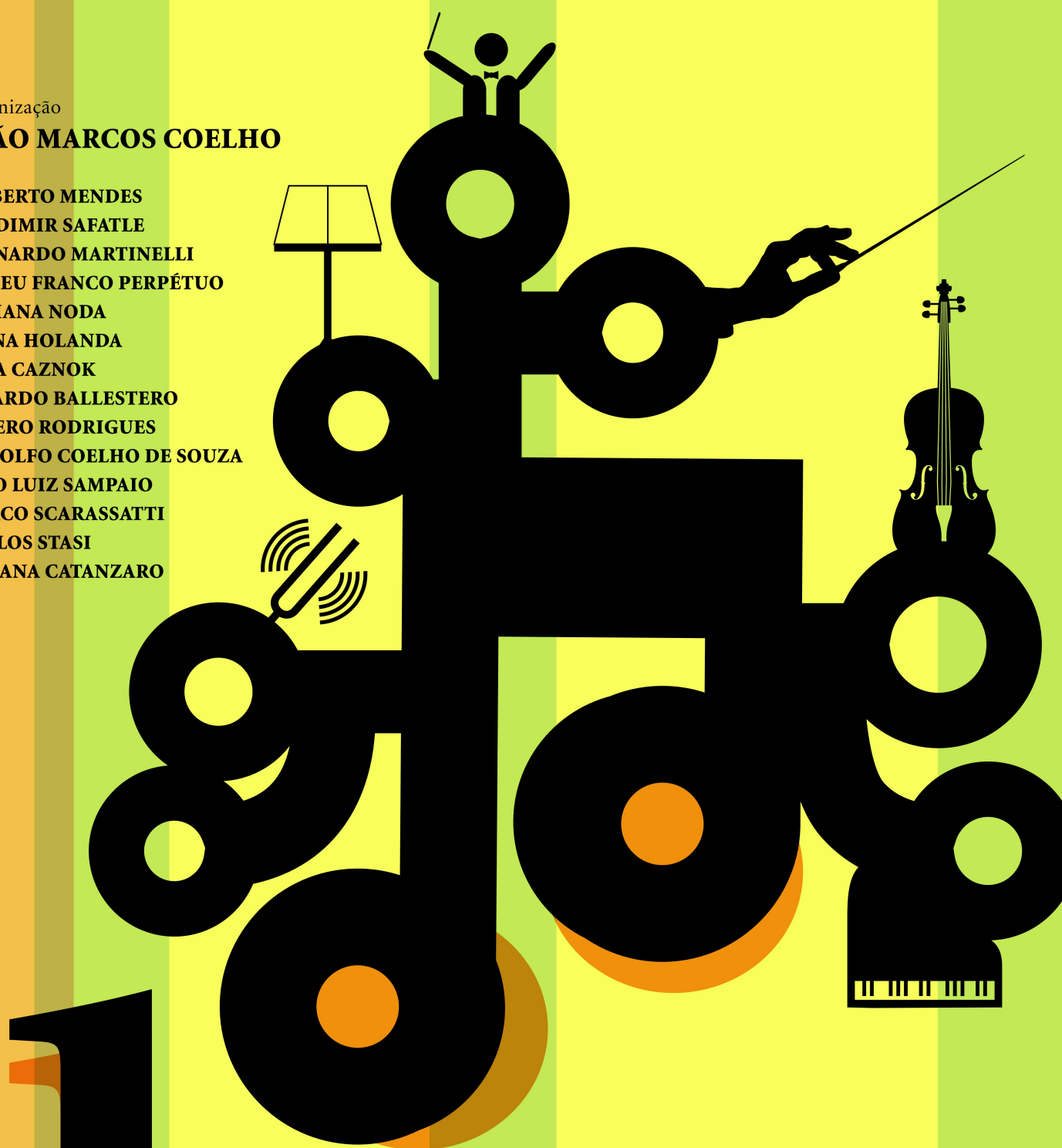
RODOLFO COELHO DE SOUZA

JOÃO LUIZ SAMPAIO

MARCO SCARASSATTI

CARLOS STASI

TATIANA CATANZARO



1

**CEM ANOS
DE MÚSICA
NO BRASIL**

1912 • 2012



Organização
JOÃO MARCOS COELHO

1ª edição
2014



E ACABOU, MESMO, A MÚSICA ERUDITA?

GILBERTO MENDES

é histórico o escândalo que provocou a estreia da “Sagração da Primavera”, de Stravinsky, dançada por Les Ballets Russes de Diaghilev no Théâtre des Champs Elysées, em Paris. Não muito tempo depois, essa impressionante obra-prima do século 20 já fazia parte da programação normal de concertos, aceita tranquilamente entre Mozart, Beethoven & Cia. Ilimitada.

Igualmente “L’après-midi d’un Faune”, de Debussy, foi outro escândalo, dançado pelo fabuloso Nijinsky. Também em pouco tempo essa extraordinária peça – cujo início Debussy engenhosamente sacou daquela já praticamente atonal abertura do “Tristão e Isolda”, de Wagner – já entrava para o repertório da música de concerto tradicional, ao lado de Brahms, Tchaikovsky e outras delícias carameladas.

E o que acontece com a tão arrogante, dominadora – embora inegavelmente superinventiva – **Neue Musik**, da Escola de Darmstadt, que até hoje não conseguiu emplacar nenhuma de suas obras-primas no repertório tradicional que é programado para o frequentador habitual de concertos? Até hoje não vi um “Marteau Sans Maître”, de Boulez, um “Zeitmasse”, de Stockhausen, um “Incontri”, de Luigi Nono, dentro de uma programação, poderíamos dizer, normal da Sala São Paulo, do Teatro Municipal de São Paulo, junto com os clássicos habituais. Mesmo no exterior, o problema é o mesmo!

O que poderíamos chamar de música erudita clássica, de nosso tempo, não é tocada nos concertos habituais tradicionais de música erudita. Ela é ouvida somente em festivais de música de vanguarda, de música nova, como algo

à *parte*, que não combina com a música como sempre ela foi feita. Talvez possamos começar por esta constatação a tentativa de explicarmos o que está acontecendo. Estaria, talvez, morrendo, ou, ao menos, desinteressando irremediavelmente essa provável música erudita, digamos, de vanguarda? Como não existe uma outra música de nosso tempo que não seja essa de vanguarda, será que presenciamos, na verdade, o fim da música clássica de concerto, o fim do desenvolvimento histórico da linguagem musical?

Na verdade, não é a música que nasce e morre, se desenvolve por si mesma. É o homem que conduz seu desenvolvimento. Muda o homem, muda a música. Homem novo, música nova, diria Gramsci. A música dominante será sempre aquela de quem tiver mais força para emplacá-la. A luta de sempre, com a vitória do mais forte. Com a morte de Stockhausen, Nono, Berio, o Boulez já bem velho, a **Neue Musik** vai enfraquecendo, e novos compositores farão a música clássica futura. A que eles quiserem. Mas sempre a serviço de uma classe.

O problema, portanto, não é da linguagem musical. É do homem que lida com essa linguagem, às voltas com os pedidos de sua classe. Se vai acabar a música erudita? Mas ela já acabou! Foi a música que serviu a uma classe dominante. Beethoven e Mozart compunham para uma alta classe social aristocrática, culta, bem de vida, que curtiá plenamente aquele tipo de música. Essa classe acabou. A nova classe social dominante, de nosso tempo, rica, universitária, seus escritores, professores, enfim, seus intelectuais, preferem Caetano e Chico Buarque, desconhecem totalmente a possível música erudita que esteja sendo escrita por novos compositores de nosso tempo.

O compositor erudito de hoje tem assim de competir com a sofisticada música popular de hoje, que tem a vantagem de conservar aquele emocional tonal da música de alto repertório, mais aquela poderosa comunicação imediata, legado do velho jazz, dos Beatles, da Bossa Nova. E tem ainda a música aplicada, de publicidade, de cinema, televisão, teatro, balé. Músicas que misturam tudo, sem a menor cerimônia. O que vai criando uma nova linguagem, não mais só aquela que ainda chamamos, por força do hábito, música clássica, ou erudita. Ou ela já seria, também, a nova música erudita de hoje?

Por exemplo, a música que abre o anúncio da programação dos filmes das 22 horas no Canal Cult, da TV a cabo. É algo muito novo como música, gostoso, de caráter repetitivo, mas que poderia continuar como uma sonata, por exemplo, valendo-se da força de comunicação e poder de emocionar do sistema tonal, mas sob novo timbre, do computador, ou de outros aparatos que inventarmos. Seria ainda a música erudita, que não morreu, continuando por outros meios, sob outros timbres e formatos?

São maneiras novas de conservarmos aquele poder de comunicação, de emocionar, que o sistema tonal, na música erudita do passado, teve em elevadíssimo grau. Sem o perigo de o compositor ser rotulado de neoclássico, o que sempre foi pejorativo.

De qualquer maneira – vamos cantar um pouco agora –, podemos concluir que o certo talvez seja fazer o que Boulez, Stockhausen, Nono e Berio sempre continuaram fazendo: “The same old new music, over and over again, over and over again”. Conforme, mais ou menos, os *lyrics* da extraordinária canção de Jimmy McHugh, “Say it”, cantada por Frank Sinatra, acompanhado pela não menos extraordinária orquestra de Tommy Dorsey. A música que eu gostaria de ter feito.

GILBERTO MENDES, JUNHO DE 2013